

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

# Educação que inspira

A entrevistada desta edição, a educadora Fátima Dowbor, responde a algumas perguntas sobre a linha de pensamento de Paulo Freire, seu pai e inspirador. Há 31 anos trabalhando na área da educação, Fátima Dowbor divide um pouco de sua sensibilidade e experiência.

**PA: Fale sobre Paulo Freire, no geral.**

Não é fácil, apesar de ser um privilégio, ter o pai que eu tive. Não é fácil segurar este lugar de ser filha de uma pessoa como ele. O que mais me tocava e me espantava nele era a sua capacidade de ser coerente. Um dos grandes desafios da vida dele era ser coerente. Não é um desafio fácil e um dos meus maiores orgulhos é ver que ele vivia esse desafio não unicamente no âmbito profissional mas, sobretudo, como pai. Hoje, sendo mãe de quatro filhos e avó de um neto, eu olho para traz e digo: “Meu Deus, como esse homem era corajoso!”. Era um desafio enorme educar os filhos, naquela época, no Nordeste brasileiro, de uma forma crítica aberta e de dar voz aos filhos quando desde então e até hoje, em algumas famílias, crianças não têm voz nem vez. Foi um privilégio enorme ter sido educada por esse homem. Partindo dessa experiência, eu costumo dizer que todo educador é um devedor. Eu, como educadora, sinto que minha dívida é enorme, de tanto que eu recebi no meu processo de aprender a ser gente com meu pai e minha mãe. E talvez seja por isso que minha escolha de profissão foi e é tão marcada.

**PA: Como são essas dificuldades no dia-a-dia?**

O fato de ser filha de Paulo Freire e também ter escolhido a área da Educação torna esse desafio muito



Foto: Divulgação

**“A Educação não é um ato isolado, não é um ato focal, é um processo de humanização, é mais amplo do que aprender a ler e a escrever.”**

mais difícil. A dificuldade vem da cobrança, do nível de expectativa, das misturas que as pessoas fazem e, muitas vezes, a falta de respeito com a minha identidade; nem é por maldade, é um processo natural. Eu procuro não me colocar na expectativa das pessoas. Isso não é fácil, mas é uma mola propulsora do meu crescimento como pessoa e profissional. Essa situação me obriga a estar sempre muito atenta ao que é realmente meu e ao que é do outro, ou seja, o que eu herdei do meu pai e da minha mãe e o

que eu tenho como responsabilidade no meu dia-a-dia como educadora: ressignificar o que me foi entregue. O grande desafio é o de não viver à sombra de meu pai e construir meu caminho, minha identidade. Esse foi um dos legados fortíssimos que eu tive. Cresci sendo percebida pelo o que eu era.

**PA: O Brasil conseguiu absorver os ideais de Paulo Freire?**

Eu acredito que sim, porque eu viajo muito pelo Brasil e para os lugares mais longínquos e inusitados possíveis, e a força do pensamento dele é muito grande. Eu já deparei com grupos de educadores e escolas que se diziam “freireanas” e de “Freire” tinha pouco ou nada. Já deparei também com grupos inteiramente absorvidos na filosofia de Educação dele ou seja, há de tudo. Movimentos populares, organizações de bairros e organizações com assistentes sociais têm forte influência da metodologia e da filosofia de Paulo Freire. E fora do Brasil é ainda mais forte. Canadá, Estados Unidos, Suécia, África do Sul e Alemanha são alguns exemplos de países onde a linha de pensamento de Paulo Freire é acentuada. Ele era uma figura humana, um educador que nos anos 50 já postulava que a cultura era grande instrumento de construção do conhecimento e de importância no ato de educar. Ele era um previsor. Eu tenho a certeza de que muita gente conhece meu pai

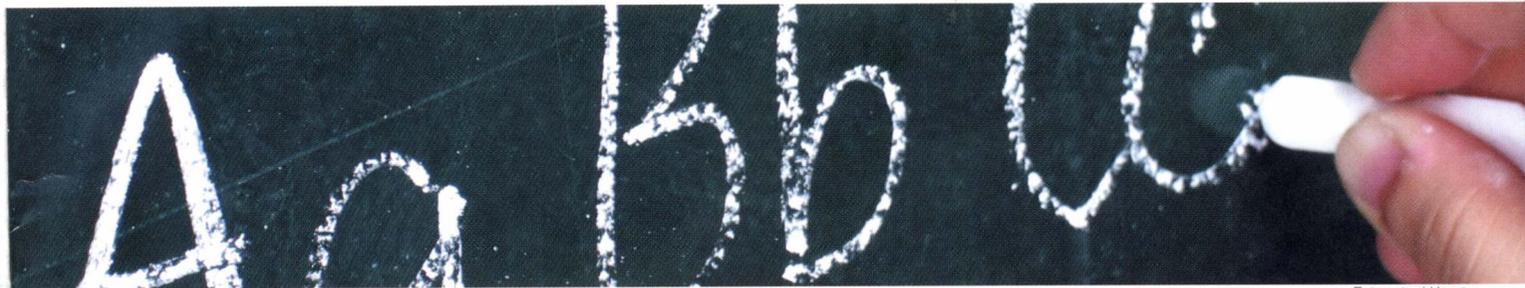


Foto: stockXpert

e foca em seu método de educação, embora ele detestasse a palavra método. Ele trouxe uma filosofia da educação, uma metodologia própria, e a força dela vem por meio do diálogo, da importância de dialogar com o outro no vínculo pedagógico e na construção do conhecimento.

**PA: Paulo Freire definia a Educação como “um processo pelo qual as pessoas vão se completando ao longo da vida”. Como você avalia essa definição nos dias de hoje?**

Quando ele traz esta necessidade de o ser humano ir se completando e se constituindo ao longo dos seus anos de vida, isso confirma mais do que nunca que a Educação não é um ato isolado, não é um ato focal, é um processo de humanização, é mais amplo do que aprender a ler e a escrever. A Educação como um processo de construção da sua própria identidade requer um aprendizado contínuo. Atualmente, esse processo de globalização e de mudanças mostra que as pessoas não estão prontas para nada, nós estamos sempre nos “aprontando” para alguma coisa. É preciso refletir sobre a educação de hoje, sobre o sistema, em relação à obrigatoriedade no funcionamento das escolas e na forma de distribuir o conteúdo. São coisas incríveis... Vivemos no século XXI e ainda estamos na pré-história em relação à Educação. A escola, como espaço de construção de conhecimento e

de vivência da cultura ainda está muito fechada, apesar de alguma “abertura”, mas ainda é preciso mudar. Basta observar algumas palavras e conceitos que circulam na área da Educação: grade, currículo, concepção de aula de 45 minutos e divisão dos alunos por série. Isso acontece em quase todas (ou todas as escolas) mas é preciso mudar.

**PA: Como podemos “ajudar” a Educação?**

Eu me faço esta pergunta toda noite quando vou dormir: “O que eu posso fazer a mais?”. Essa pergunta me dá força para fazer o que eu faço todos os dias. Eu penso que, quanto mais corpos eu puder atingir e com quanto mais grupos de professores eu puder entrar em contato, ajudando-os a acordar, estarei colaborando com a educação.

**PA: Qual a herança de Paulo Freire? Você acha que os educadores da atualidade deveriam colocá-la em prática?**

Eu focaria em três eixos: no diálogo, na escuta e na crença em si mesmo. Os educadores precisam acreditar que são capazes.

**PA: Existe sensação de impotência dos educadores em relação à melhoria da educação?**

Existe, mas eu creio que existem outros fatores desmotivadores. Pense em como fica o corpo do educador que precisa dar aula em três escolas. Nesse

ritmo de trabalho, como o professor poderá refletir? Há muitas escolas, tanto públicas como privadas, onde os educadores estão sozinhos e não têm suporte pedagógico. A sociedade em geral costuma colocar a culpa no professor por estarem mal preparados, mal formados. De fato estão, mas não é culpa deles. Eu acredito no professor e no fato de que todo mundo tem algo de bom para dar. Os espaços pedagógicos não são convidativos para o professor mostrar que não sabe algo ou que está inseguro; então, como aprender se o professor tem de fingir a todo momento que sabe?

**PA: Paulo Freire acreditava que a Educação é capaz de realizar uma transformação social. Como começar essa mudança?**

Quando ele pensava nisso, fazia questão de pontuar que a educação é um dos fatores para realizar essa transformação social. A Educação tem grande importância: um povo que não tem instrução e que não seja educado faz os processos de crescimento ficarem mais lentos. A transformação deve começar por uma real vontade política de educar - esse é o primeiro passo. E essa vontade política implica melhoras nos espaços escolares, na qualidade do ensino e na formação adequada dos educadores. É uma constante opção política.